

Ana Sousa Dias

A multiplicação dos dias

A primeira obra de Françoise Schein que Lisboa viu foi o revestimento da estação de Metropolitano do Parque, em Lisboa, um trabalho em que os Direitos Humanos e os Descobrimientos portugueses se interligam. Só uns anos mais tarde conheci esta artista que um dia me disse: “a minha vida é a minha melhor obra”. Assim mesmo, como quem já pensou muito no assunto e não tem qualquer hesitação.

É um facto que a vida e a obra de Françoise se misturam no que diz respeito a Portugal. A demorada experiência do Parque abriu-lhe a vontade de trabalhar com os outros e deu-lhe uma nova língua, com a qual viajou para o Brasil e para a decisão de adoptar uma criança. “A partir do meu encontro com Portugal, tornei-me outra pessoa”, diz ela ao olhar para trás.

Olhemos nós agora para o que aconteceu desse momento em diante mas regressemos à Europa, uma vez que da aventura brasileira falarão outros colaboradores deste livro. A convite de Margarida Cardoso, do Centro Jacques Delors, Françoise desenvolveu uma ideia nascida nas favelas do Brasil, o projecto que veio a inscrever a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia em painéis de azulejos, caligrafados e ilustrados por jovens de diferentes localidades de Portugal, Espanha e França.

O atelier de Françoise tornou-se declaradamente itinerante e pôs os jovens das escolas de Tavira a Guimarães a aprender ao mesmo tempo a técnica da pintura de azulejos e a cidadania.

Guilherme Peleja (19 aos), de Tavira, explica numa frase o que ganhou nos dois dias da revoada da Inscrire: “Para mim foi muito importante porque desconhecia muitos dos meus direitos como cidadão europeu”.

Assisti à inauguração do painel erguido em Belém, com música tocada pelos alunos da Casa Pia a receber Jorge Sampaio, então Presidente da República. A solenidade institucional da cerimónia não impediu a emoção que a leitura dos desenhos oferece, num cenário em que o Mosteiro dos Jerónimos e a Casa dos Pastéis de Belém se encontram com as casas multinacionais de fast-food. Ilustrações como as do “direito de acesso aos documentos” ou do “direito de acesso aos serviços de emprego” – provavelmente alguns dos que Guilherme e outros jovens desconheciam – são de uma simplicidade tal que se tornam absolutamente directas. E porque a solidariedade é uma das palavras-chave da declaração, aqui foram chamados a participar também os mais velhos, aqueles que cresceram num Portugal desligado da Europa e onde os direitos eram uma outra história, a participar na criação do painel.

É nestas alturas que ficam claras as razões que levaram Françoise a gostar de trabalhar com os outros, recolhendo-se à solidão quando a criação artística a isso a impele. São já 1900 os jovens que, em Portugal, na Espanha e na França, participaram directamente no projecto, de 2003 até 2006, o que quer dizer que há 19 painéis espalhados por esses três países. Mas suponho que isto ainda é o início de mais qualquer coisa que a artista belga vai inventar, trazendo de Kabul, do Rio de Janeiro ou da Dinamarca novas ideias para este trabalho de formigas com que pretende “contribuir para uma Europa saudável, aberta, diversa e feliz em toda a sua multiplicidade, bem ancorada entre o passado e o futuro”.

A vida dela mudou, e mudou mesmo dentro das paredes da sua casa de Paris com o nascimento da sua nova família cimentada pela língua portuguesa. E, mesmo sabendo que a criação dos painéis agitou apenas dois dias na vida de cada um dos 1900 jovens e dos seus professores, imagino que quando se apanha um pouco de sol alentejano num banco cujas costas falam de um lado saudável e diverso da Europa, talvez outras mudanças, ainda que pequeninas, tenham entrado na vida de muitas outras pessoas.

Ana Sousa Dias, jornalista